

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

CIENTIFICIDADES E SEXUALIDADES: CONCEPÇÕES E
ABORDAGENS DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA
ACERCA DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Henrique Rezende Untem
UCDB - henrique.untem@gmail.com;
Felipe Tsuzuki
UEL – felipe.tsuzuki@outlook.com;
Nathália Hernandes Turke
UEL – nathalia.turke@hotmail.com;
Virgínia Lara de Andrade Maistro
UEL– virginiamaistro@yahoo.com.br;

Eixo 6: Educação em diferentes contextos, tempos e espaços

Resumo

Apesar de ser um tema transdisciplinar, as discussões acerca das sexualidades em ambiente escolar são tidas como responsabilidade de professores de Ciências e Biologia que, em geral, pautam suas aulas em discursos biologiscistas. Com o objetivo de verificar e discutir as concepções e abordagens de docentes de Ciências e Biologia acerca da Educação Sexual, este artigo, de cunho qualitativo, toma como *corpus* analítico as transcrições de entrevistas semiestruturadas realizadas com dois professores da rede privada de ensino do município de Campo Grande (MS). As respostas revelam insegurança de ambos docentes ao trabalhar sexualidade, sendo este sentimento resultado da ausência de formação que os preparassem para a Educação Sexual, bem como desconhecimento das legislações que permeiam e regulamentam a ação do professor em sala de aula. Por fim, para que a Educação Sexual seja trabalhada de maneira transdisciplinar e livre de mitos, tabus e preconceitos, evidencia-se a necessidade de investimento na formação inicial e continuada de educadores quanto à temática.

Palavras-chave: Ensino de Ciências, Ensino para a Sexualidade, Formação Inicial e Continuada.

Introdução

Embora se faça cada vez mais dificultoso, a necessidade de se falar sobre sexualidade e suas nuances na educação se concretiza a partir da própria experiência docente. Sônia Maria Soares e colaboradoras (2008) afirmam que a sexualidade é entendida pelos estudantes do Ensino Médio apenas como o ato sexual. Desta forma, exclui-se as afetividades, os sentimentos, os diálogos, os relacionamentos, as políticas e outros aspectos das sexualidades.

Guacira Lopes Louro (2000) afirma que essa perspectiva de silenciamento da Educação Sexual se assemelha a um processo de externalização da sexualidade. Ou seja, há uma tentativa fracassada de manter a sexualidade fora

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

da escola, a qual fracassa justamente por não entender a sexualidade enquanto inerente das relações humanas. Portanto, a autora propõe um rompimento com as visões de uma sexualidade passível de divisão, o que ela chama de “tradição dualista”, que segrega o que é biológico do que é cultural e esquecem que esse corpo biológico também se produz político e cultural, sendo impossível dividir essas existências enquanto antagônicas. Esta crítica se torna relevante visto que muitos professores ainda entendem que a responsabilidade educacional do trabalho com a sexualidade é dos/as docentes de Ciências e Biologia que, em geral, trabalham conteúdos acerca da anatomia, fisiologia e Infecções Sexualmente Transmissíveis como Educação Sexual (TURKE *et al*, 2015).

Deborah Britzman (1999) nos provoca ao dizer que os educadores que se predem a abordar a sexualidade no contexto da sala de aula devem ser ousados, curiosos e investigadores do sexo, do prazer e da sexualidade. A autora afirma que há uma docilização no processo educacional que pode criar uma ilusão romantizada da sexualidade. Neste contexto, Britzman (1999) reitera que o currículo não é unificado, mas sim polimórfico e que, neste contexto, o/a educador/a tem a possibilidade de questionar e desestabilizar essa visão docilizada da educação, se utilizando da criatividade e do imaginário para se trabalhar as sexualidades – o campo de possibilidades.

Considerando o contexto da Educação Sexual, a diversidade de existências, as diferentes perspectivas da prática pedagógica, a formação docente inicial e continuada, faz-se necessário investigar as visões, abordagens e ações de professores de ciências acerca da sexualidade. Portanto, este artigo tem como objetivo verificar e discutir sobre como dois professores de escolas da rede privada de ensino do município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, trabalham a Educação Sexual em sala de aula, suas concepções e dificuldades.

Referencial teórico

O estudo realizado por Dulcilene Pereira Jardim e José Roberto da Silva Brêtas (2006) apontou que os professores analisados consideravam a temática sexualidade importante, contudo afirmavam não ter formação suficiente para trabalhar a temática. A partir desta pesquisa, os/as professores/as disseram que por não terem a formação que julgavam adequada, se atinham aos conteúdos biológicos da sexualidade. Neste contexto, a autora e o autor (2006) concluíram que há

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

necessidade e urgência de programas de formação continuada que abordem as sexualidades.

Vera Lúcia Bahl de Oliveira (2009) considera que a sexualidade no contexto atual caracteriza um desafio aos educadores e educadoras, pois depois de introduzido nas educações, o próprio conceito de sexualidade sofreu alterações. A autora ainda reconhece que é necessário falar dos conteúdos de biologia, gravidez na adolescência e Infecções Sexualmente Transmissíveis, porém assume que a Educação/Orientação Sexual deve se pautar em um discurso pluralista e compreender a multiplicidade das sexualidades e valores associados a elas. Oliveira (2009) ainda considera que:

O educador, ao assumir o importante papel de transmissor e formador, necessita despir-se dos seus valores, preconceitos, tabus para que possa abordar tanto questões teóricas, leituras e discussões sobre o tema, atendendo especificidades e generalidades sobre o mesmo, como questões práticas, entre outras. É necessário motivar a participação dos estudantes nas atividades, para eliminar preconceitos e permitir que a reflexão sobre as condições de busca de felicidade e prazer para suas vidas. (OLIVEIRA, 2009, p. 188)

Em seu texto, Mary Neide Damico Figueiró (2009) afirma que o silêncio acerca das sexualidades também é um ensinamento. Além disso, a autora enfatiza veemente que o “não educar” sexualidade é educar, pois todo discursivo carrega uma ideologia, sendo ela inclusiva (a qual propõe a pesquisadora) ou excludente (na qual a sexualidade é punitiva, pecaminosa ou tabu). Por fim, a pesquisadora conclui que se faz necessário pensar não somente o ‘como’ ensinar sexualidade, mas ‘o que’ ensinar e ‘qual’ sexualidade é ensinada e, para isso, faz-se necessário levantar as concepções de professores/as acerca da temática.

O que Mary Neide (2009) tenta desenvolver em seu texto, Guacira Lopes Louro (1999) irá abordar pensando as formas discursivas que se criam e se reproduzem dentro do contexto escolar, apontando a existência de discursos normativos, que reafirmam e silenciam a diversidade. A autora descreve que:

Acho que foi disso que procurei tratar aqui: das formas e das instâncias onde aprendemos esse discurso, de nossa apropriação de uma linguagem da sexualidade que nos diz, aqui, agora, sobre o que falar e sobre o que silenciar, o que mostrar e o que esconder, quem pode falar e quem deve ser silenciado. Procurei mostrar, também, que podemos (e devemos) duvidar dessas verdades e certezas sobre os corpos e a sexualidade, que vale a pena pôr em questão as formas como eles costumam ser pensados e as formas como identidades e práticas têm sido consagradas ou marginalizadas. Ao fazer a história ou as histórias dessa pedagogia, talvez nos tornemos

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

mais capazes de desarranjá-la, reinventá-la e torná-la plural
(LOURO,1999, p. 22).

Considerando que as discussões acerca da Educação Sexual não são recentes, muitos trabalhos aprofundados já se dedicaram ao estudo de possibilidades de ensino para a sexualidade, suas limitações, dificuldades e possibilidades metodológicas de tais aulas, a citar Virgínia Iara de Andrade Maistro (2006), Mateus Luiz Biancon (2005) e Vinícius Colussi Bastos (2013). E embora, cada autor/a tenha sua perspectiva, metodologia e linha teórica, os três evidenciam a necessidade de uma prática docente voltada para a realidade, o contexto e as vivências dos e das estudantes, assim, não se é possível constituir uma única forma de se trabalhar as sexualidades.

Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa possui uma abordagem qualitativa, uma vez que permite compreender as visões dos sujeitos a respeito das maneiras com que a Educação Sexual é trabalhada. Maria Cecília de Souza Minayo (2008) afirma que

O método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2008, p.57).

Para tanto, tem-se como sujeitos de pesquisa dois professores de Biologia, atuantes em escolas da rede privada de Ensino no município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Para a coleta de dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada com os professores, os quais foram nomeados pelos pseudônimos João e Maria, a fim de preservar suas identidades. Este tipo de instrumento de coleta de dados é eficaz no mapeamento de práticas, crenças e valores, como explana Rosália Duarte (2004):

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

obter com outros instrumentos de coleta de dados. (DUARTE, 2004, p. 215)

João era professor de Biologia na rede privada, lecionando no Ensino Médio, e na rede pública de ensino, atuando como docente de Ciências dos anos finais do Ensino Fundamental. Maria lecionava há apenas dois anos e era professora em uma escola da rede privada de ensino, atuando apenas meio período.

As entrevistas foram realizadas no primeiro semestre de 2019, sendo compostas por oito questões: (1) Quais foram os motivos que te levaram a escolher um curso de licenciatura? E por que especificamente Biologia? (2) Você teve formação voltada para o ensino de Educação Sexual durante a graduação? De que forma isto aconteceu? Acredita que esta formação oferecida foi suficiente para sustentar seu exercício como docente? (3) Em sua concepção, qual é a importância de se trabalhar Educação Sexual no Ensino Básico? (4) Como você acha que a Educação Sexual está sendo trabalhada nas escolas? Atende as necessidades dos alunos? (5) Você trabalha Educação Sexual com seus alunos? Se sim, em quais momentos? De que forma? (6) Os alunos se sentem constrangidos/envergonhados durante as aulas sobre Educação Sexual? Se sim, quais recursos você utilize para que isto não aconteça? (7) Elenque as principais dificuldades em trabalhar Educação Sexual com os alunos do Ensino Médio.; (8) Você tem ciência dos amparos legais para o ensino de Educação Sexual dentro das escolas? Acredita que as legislações vigentes possam mudar, afim de facilitar este processo de ensino?

As entrevistas foram transcritas e codificadas da seguinte maneira: M para as respostas de Maria e J para as respostas de João, seguido do número da questão da entrevista. Desta forma, M1 se refere à resposta de Maria para a questão de número 1; M5 se refere à resposta de Maria para a questão de número 5; J7 se refere à resposta de João para a questão de número 7, e assim sucessivamente. Desta forma, tem-se o *corpus* da pesquisa.

A seguir, encontram-se a descrição e análise das entrevistas.

Entrevista com Maria

Maria pretendia estudar Medicina Veterinária, mas acreditou que não se sentiria completa por conta de o curso possuir como foco apenas 'os animais', e sua paixão abrangia planetas, animais e plantas, optando por cursar Biologia. A

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

escolha da licenciatura foi conseqüente ao menor valor de mensalidade e menor carga horária, se comparado ao bacharelado.

Em sua graduação não teve uma matéria específica sobre Educação Sexual. O assunto foi abordado apenas no último semestre, durante o estágio de docência, por conta de a turma ter decidido desenvolver o projeto voltado para as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Ela precisou se aprofundar sozinha no assunto, a fim de suprir sua carência formativa.

Maria relatou considerar o assunto extremamente importante, como pode ser visualizado na fala a seguir:

Acredito que a adolescência é um momento de transição, com muitas mudanças corporais acontecendo e liberação de hormônios, com isso eles têm muitas dúvidas e geralmente não se sentem a vontade de perguntar para os pais, eles tem o ambiente escolar como local de construção de aprendizado e é lá que procuram as respostas. Então no meu ver é extremamente importante (M3).

Contudo, nunca viu a temática sendo abordada nos ambientes escolares em que estudou e lecionou, inclusive era proibida de trabalhar tal tema na instituição em que atuava. Ela relatou que, na única vez em que o assunto foi trabalhado, os alunos foram extremamente desrespeitosos, utilizando vocabulários “xucros”, assediando-a. Ainda, Maria declarou que “idade próxima a deles faz com que eles confundem as coisas, os pais podem aparecer dizendo que você falou inapropriadamente, podemos ser assediados pelos alunos” (M7). Por conta disto, o gestor optou por proibir a abordagem do tema, levando-a a afirmar que ministrava aulas em espaços de privação de liberdade.

Apesar destas dificuldades, ela continuou encontrando maneiras de correlacionar os conteúdos, trabalhando sexualidade de maneira transdisciplinar, uma vez que ela acreditava ser fundamental para os jovens.

Quando questionada se possuía conhecimento dos amparos legais que subsidiam a Educação Sexual, Maria respondeu que sim, porém não citou nenhum. Ainda, afirmou acreditar que as legislações irão se manter e que, dificilmente, haverá alterações referentes à ampliação da Educação Sexual nas escolas.

Entrevista com João

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Deste pequeno, João ajudava os colegas de classe nas tarefas e organizava grupos de estudo. Seu interesse em seguir a carreira docente surgiu no Ensino Médio, durante as aulas de Biologia. Na graduação, participou de alguns projetos de ensino, mas se aproximou da Educação Sexual apenas no estágio obrigatório.

Em sua formação inicial, assim como Maria, não teve nenhuma disciplina específica sobre esta temática. Apenas no último ano da graduação, na disciplina do estágio obrigatório, esta questão foi trabalhada de maneira bem sucinta, não sendo suficiente para ministrar aulas de Educação Sexual. Porém, durante sua regência no estágio, precisou ministrar aulas sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), gravidez precoce e violência infantil, havendo necessidade de, através de leituras, aprofundar seus conhecimentos.

Desde sua formação, foi docente de Ciências nos anos finais do Ensino Fundamental, na rede pública de ensino e, em 2019, assumiu a matéria de Biologia, no Ensino Médio de uma escola da rede privada de ensino. Ele trabalhava assuntos relacionados à Educação Sexual apenas nos anos finais do Ensino Fundamental, visto que o livro didático de Biologia utilizado pela escola privada que lecionava não contemplava assuntos voltados à sexualidade. Por conta disto, nunca abordou esta temática com o Ensino Médio, contudo relatou possuir como plano adentrar nestes assuntos no segundo semestre, ao trabalhar fisiologia e anatomia humana, especificamente aparelho reprodutor.

Embora nunca tenha ministrado aulas de Educação Sexual no Ensino Médio, João descreveu como funcionam suas aulas no Ensino Fundamental, afirmando nunca ter tido dificuldades em abordar esta temática. Ele trabalha “[...] bem sucintamente no 6º ano, 8º ano e 9º ano, conforme a diretriz curricular atual, tendo mais enfoque nas diferenças entre meninos e meninas e nas IST” (J5). Ao ser questionado se os alunos se sentem constrangidos/envergonhados durante as aulas sobre Educação Sexual, João alegou que

Em geral eles gostam das aulas e me surpreendem quando começam a perguntar. É uma das poucas aulas em que demonstram muita curiosidade e comentam o assunto com naturalidade. Porém, há uma minoria que se demonstra mais tímida, mas procuro deixá-los mais à vontade para comentar o assunto através do anonimato. Entrego um papel à turma inteira e depois recolho todos, inclusive os em branco. Desta forma, todos participam e não há constrangimentos (J6).

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

João afirmou acreditar na importância de trabalhar Educação Sexual no Ensino Básico, principalmente no atual cenário brasileiro, em que “filhos e pais não se conversam mais [...] (J3)”. Apesar de assegurar que a maneira em que a temática é trabalhada na sala de aula não atende às necessidades dos educandos, especialmente por conta de interferências – da família, da equipe pedagógica e da comunidade como um todo – no trabalho do professor, ele alega que “[...] se chegarmos ao ponto da escola não poder mais trabalhar estas questões, provavelmente será uma calamidade” (J3).

Quando questionado se possuía conhecimento dos amparos legais para o trabalho com Educação Sexual, ele reconheceu nunca ter pesquisado a fundo a legislação, sendo orientado pela equipe pedagógica. Não obstante, declarou acreditar que “se a legislação mudar será para dificultar o processo de ensino” (J8).

João finalizou a entrevista reafirmando que “[...] há muita interferência desnecessária e banalização do ensino” (J8).

Análise das entrevistas

Apesar de suas identidades veladas, os sujeitos desta pesquisa se mostraram inseguros e amedrontados ao responder às perguntas da entrevista, uma vez que tal conversa poderia comprometer a permanência na instituição a qual possuía vínculo empregatício.

A formação inicial de professores de Ciências e Biologia, de acordo com os professores entrevistados, é deficitária em relação ao ensino de Educação Sexual. Desta forma, os professores chegam às salas de aula com baixo preparo e, inúmeras vezes, carregados de tabus e preconceitos.

Além disto, muitos desconhecem os aportes legais que asseguram o trabalho de temas referentes à sexualidade, principalmente no que diz respeito às questões de gênero e orientação sexual, deixando de abordar estas temáticas por receio de perderem seus empregos, especialmente os que lecionam em escolas particulares.

Não cabe a esta pesquisa avaliar a qualidade das aulas de Educação Sexual dos professores entrevistados, tampouco julgar a maneira com que o assunto está sendo abordado em sala de aula – quando isto de fato acontece. No entanto, ao considerar que aulas de Educação Sexual são indispensáveis para a prevenção de gravidez precoce e Infecções Sexualmente Transmissíveis;

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

identificação e denúncia de abusos sexuais; e desconstrução de preconceitos, promovendo respeito entre os indivíduos, será que as abordagens de João são suficientes? Uma vez que o mesmo relatou focar suas aulas em diferenças entre meninos e meninas e IST. E as de Maria? Que são ainda mais complicadas, visto ser proibida de falar abertamente sobre a temática.

Considerações finais

Considerando o atual contexto educacional e as perspectivas acerca da Educação Sexual, faz-se necessário investir em programas e cursos de formação continuada de professores e professoras que abordem as questões vinculadas às sexualidades. Pois, a partir desta formação, os mesmos se sentirão mais seguros ao falar sobre e ao abordar a temática em sala de aula. Ademais, é preciso investir na formação inicial, oportunizando a desmistificação de tabus e preconceitos de professores e professoras em formação, antes do contato com a docência.

Cabe também ressaltar a importância da regulamentação e a necessidade de políticas públicas que se voltem a discutir a importância da sexualidade no cenário escolar. Não apenas para os professores, mas para que os gestores, pais, responsáveis e membros da comunidade externa possam reconhecer a necessidade da abordagem escolar da sexualidade, cobrando e apoiando estas discussões.

Por fim, enfatiza-se a emergente e urgente perspectiva de sexualidade que transborda as normativas biológicas e extrapola as corporidades, pois é nesta sexualidade, que reconhece a diferença, que ocorrerá uma Educação Sexual que seja significativa para os educandos. E, para que esse objetivo seja alcançado, são diversas as modalidades e formas que a Educação Sexual deve assumir.

Agradecimentos

À CAPES e à Fundação Araucária pelo apoio financeiro.

Referências

BASTOS, Vinícius Colussi. **Gênero na formação inicial de docentes de Biologia:** uma unidade didática como possível estratégia de sensibilização e incorporação da

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

temática no currículo. 2013. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

BIANCON, Mateus Luiz. **A Educação Sexual na escola e as tendências das práticas pedagógicas dos professores**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 24, 2004.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. *In*: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (org.). **Educação Sexual: múltiplos temas, compromisso comum**, 2009.

JARDIM, Dulcilene Pereira; BRÊTAS, José Roberto da Silva. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira-SP. **REBEn**, Brasília, v. 59, n. 2, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação&Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, 2000.

_____. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MAISTRO, Viginia Iara de Andrade. **Projetos de Orientação Sexual na escola: seus limites e suas possibilidades**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

OLIVEIRA, Vera Lucia Bahl. Sexualidade no contexto contemporâneo: um desafio aos educadores. *In*: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico(org.). **Educação Sexual: múltiplos temas, compromisso comum**, 2009.

SOARES, Sônia Maria; AMARAL, Marta Araújo; SILVA, Liliam Barbosa; SILVA, Patrícia Aparecida Barbosa. Oficinas sobre sexualidade na adolescência: revelando vozes, desvelando olhares de estudantes do ensino médio. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, 2008.

TURKE, Nathália Hernandez; JOINHAS, Fábio Augusto; TSUZUKI, Felipe; MAISTRO, Viginia Iara de Andrade. Sexualidade na escola: ampliando limites, desafiando e reconhecendo possibilidades. *In*: XII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, Curitiba, 2015. **Anais [...]**. Curitiba, Paraná: Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, p. 20136- 20147, 2015.